

A CRUZ NÃO ESTÁ VAZIA!



*“Porque eu, pela lei, estou morto para a lei, para viver para Deus. Já **estou crucificado com Cristo**; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.”* (Gálatas 2:19-20)

Uma das afirmações mais difundidas pelos cristãos (principalmente os evangélicos), no momento em que testificam a fé é: *“A cruz, onde Jesus foi crucificado, está vazia. Jesus ressuscitou! Nosso Deus não é morto e sim vivo e atuante no meio de nós. E isso garante a nossa vitória.”*

Porém, se a cruz está mesmo vazia, por que o apóstolo Paulo afirma, na carta que escreveu aos Gálatas, que ele “está” (tempo presente) crucificado com Cristo, em vez de dizer “estive” (tempo passado)? A razão é bem simples: na concepção de Paulo, a cruz não está vazia! Para o apóstolo, foi o túmulo de Jesus que ficou vazio, não a cruz.

A Cruz é eterna! E a prova disso é que as Escrituras nos informam que o Cordeiro “foi morto desde a fundação do mundo” (cf. Apocalipse 13:8). Há uma cruz histórica ocorrida na plenitude dos tempos (cf. João 13:1; 16:32), e que nada mais é do que a manifestação de uma cruz meta-histórica¹, ocorrida fora do tempo e do espaço. O que acontece na eternidade não tem começo nem fim. Nesse sentido, a cruz é coexistente com Deus. Desde que há Deus, também há Cruz.

Enquanto Jesus esteve na cruz histórica, o trono não ficou vago. E enquanto ocupa Seu trono de glória, a Cruz não está vazia. Nisso reside nossa salvação. Se Jesus houvesse descido dessa Cruz meta-histórica, não haveria razão para que Paulo declarasse: *“Estou crucificado com Cristo”*. Ele não disse que havia sido crucificado, no passado. Ele disse que estava, naquele momento, crucificado com Cristo. Portanto, Cristo continuava na Cruz, e Paulo com Ele. Se Ele desce da Cruz, nosso velho homem escapa.

¹ **Meta-história.** É uma investigação que se propõe a determinação das leis que regem os fatos históricos e o lugar destes fatos, numa visão explicativa do mundo. O termo faz parte da “filosofia da História”, que é o campo da filosofia ou da história (dentro da ‘teoria da história’) que observa sobre a dimensão temporal da existência humana como existência humana sócio-política e cultural; teorias do progresso, da evolução e teorias da descontinuidade histórica; significado das diferenças culturais e históricas, suas razões e consequências. (Wikipédia)



O sepulcro, porém, está vazio. O sepultamento de Jesus é um fato histórico, porém, não meta-histórico. Sua ressurreição também é histórica. Mas Sua Cruz vem antes de todos os antes, e será sempre viva depois de todos os depois. Por isso, no dizer de Paulo, o Cristo que pregamos é o CRUCIFICADO (cf. 1Coríntios 1:23; 2:2).

A expressão “estou crucificado”, no texto grego, é *συνεσταύρωμαι* (*synestayromai* = “fui co-crucificado”). O verbo está no singular perfeito do indicativo passivo de *συσταυρόω* (*systayróo* = “crucificar ao mesmo tempo”)². O

tempo perfeito sugere que Paulo está pensando naquele evento completo específico que marcou sua identificação com Cristo e que teve um efeito duradouro sobre sua vida³.

Quando Paulo afirma que está crucificado com Cristo ele faz, metaforicamente, uma identificação espiritual com Cristo na sua morte (cf. Romanos 6:6). Em outras palavras, a crucificação é usada para aludir à renúncia do mundo, o que caracteriza a verdadeira vida cristã (cf. Gálatas 6:12, 14; Efésios 2:16; Filipenses 3:18).

Sendo assim, o que Deus requer de nós, é uma conduta cristã que mostre – através da praticidade de vida – que a morte de Cristo na cruz do Calvário também produziu em nós um efeito duradouro. A nossa vida prática tem que demonstrar que o sacrifício de Jesus por nós não foi em vão. Por isso o mandamento bíblico para os que se intitulam “filhos de Deus” (cf. Romanos 8:14, 16; Gálatas 3:26) é serem diferentes e separados. Leia com atenção o texto bíblico abaixo:

*“Não se juntem com descrentes para trabalhar com eles. Pois como é que o certo pode ter alguma coisa a ver com o errado? Como é que a luz e a escuridão podem viver juntas? Como podem Cristo e o Diabo estar de acordo? O que é que um cristão e um descrente têm em comum? (...) E o Senhor Todo-Poderoso diz: ‘Saíam do meio dos pagãos e **separem-se** deles. Não toquem em nada que seja impuro, e então eu aceitarei vocês.’”* (2Coríntios 6:14-17 - NTLH)

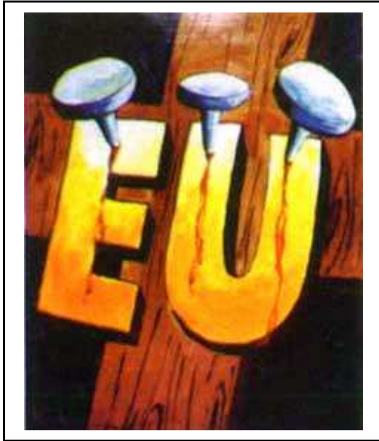
O vocábulo grego traduzido por “separem-se” é *ἀφορίσθητε* (*aphorísthete* = separar-se de outros pelo estabelecimento de limites ou uso de critérios)⁴. (Nossa palavra “horizonte” origina-se desse termo grego.) Paulo ensina que temos de nos manter separados no mesmo sentido de um limite que é

² HAUBECK, Wilfrid & SIEBENTHAL, Heinrich Von. *Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego: Mateus - Apocalipse*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Targumim & Hagnos, 2009. 1086 p

³ RIENECKER, Fritz & ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. Trad. Gordon Chown & Júlio Paulo Teixeira Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1995. 375 p

⁴ STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p

colocado e jamais pode ser ultrapassado. Esse processo é algo que Deus começa a realizar em nós e, depois, através de nós. Como bem disse o teólogo inglês, Ralph Venning (1621-1674), “*Deus separa de nós aquilo que nos separaria dEle*”.



O processo de “morrer” para os prazeres e seduções deste mundo e manter-se “vivo” espiritualmente (cf. Gálatas 5:16, 25) foi ratificado pelo próprio Senhor Jesus quando Ele disse: “*E quem não toma a sua cruz e não segue após mim não é digno de mim.*” (Mateus 10:38). Nessa passagem Jesus faz uma alusão ao costume judicial do condenado à morte por crucificação levar a própria estaca até o lugar de execução⁵.

Portanto, estar crucificado com Cristo implica em uma vida dedicada integralmente a Deus. É a busca incessante por uma santidade progressiva que vá além da simples aparência de piedade e que demonstre sua eficácia através de atitudes práticas. Tomar a cruz envolve o nosso sacrifício diário de “*mortificar os nossos membros que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência e a avareza*” (cf. Colossenses 3:5). É purificar os nossos lábios e as intenções do nosso coração.

O nosso “velho homem”, representando a nossa natureza caída e pecaminosa precisa ser crucificado. Ele deve dar lugar ao “novo homem” (cf. 2Coríntios 5:17; Gálatas 6:15), criado por Deus em verdadeira justiça e santidade (cf. Efésios 4:24) e moldado de acordo com o caráter de Cristo (cf. 1Pedro 2:21). Precisamos ser o sal da terra (cf. Mateus 5:13). Mas um sal que, mesmo sofrendo as pressões de uma sociedade caída e corrompida, não se deixa transformar em um “sal de fruta”: efervescente, mas sem solidez.

A ORIGEM DA CRUZ

A cruz tem origem na antiga Caldéia. Originalmente ela possuía o formato da letra grega “Tau” (Τ), símbolo de Tamuz, um deus babilônico. Entre os sumérios ele era conhecido como Dumuzi e pelos egípcios como Osíris. Em todos os casos, essa divindade era tida como sendo um dos deuses da fertilidade e era associado à vegetação e a vida no Além.

Com o tempo a cruz se tornou um instrumento de suplício e de execução na forma de uma estaca vertical e uma viga atravessada do mesmo comprimento, formando uma cruz no sentido mais estreito do termo. Tomava a forma de um T (do latim, *crux commissa*) ou de um + (do latim, *crux immissa*).

[Fonte: COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 477 p.]

⁵ VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 522-523 p.